



24° ENANCIB
Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação
Perspectivas Contemporâneas na Ciência da Informação
• Vitória - ES • Ancib • PPGCI/UFES



XXIV ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – XXIV ENANCIB

ISSN 2177-3688

GT-2 – Organização e Representação do Conhecimento

O FOTOJORNALISMO E A URBANIZAÇÃO DA CIDADE: UMA ANÁLISE SOBRE A REPRESENTAÇÃO FOTOGRÁFICA DO RIO DE JANEIRO (1960-1975)

PHOTOJOURNALISM AND THE URBANIZATION OF THE CITY: AN ANALYSIS OF PHOTOGRAPHIC REPRESENTATION OF RIO DE JANEIRO (1960-1975)

Rachel Ferreira Torres – Universidade Federal Fluminense (UFF)
Rosa Inês de Novais Cordeiro – Universidade Federal Fluminense (UFF)

Modalidade: Trabalho Completo

Resumo: Estudo que aborda a urbanização do Rio de Janeiro (1960-1975), quando a cidade passou a se configurar politicamente como uma cidade-estado, o Estado da Guanabara, nas fotografias produzidas pelo jornal carioca Correio da Manhã, publicado entre 1901-1974. Objetiva-se avaliar a representação social e do conhecimento da urbanização da cidade do Rio de Janeiro, entre os anos de 1960-1975, por meio do fotojornalismo e instrumentos de descrição e representação do Sistema de Informação do Arquivo Nacional (SIAN). Utiliza-se como procedimentos metodológicos as pesquisas bibliográfica, documental e de campo. Como resultado, infere-se que o fotojornalismo do Correio da Manhã registra processos de intervenções urbanas na cidade, e no que se refere a organização do conhecimento, o Arquivo Nacional representa a urbanização da cidade no âmbito geral, ressalta-se que a indexação é atribuída ao assunto geral da foto, e não a sua especificidade, ocasionando problemas, como o uso de termos ambíguos. Conclui-se que a urbanização é uma categoria que está representada nas fotografias do Correio da Manhã, e está descrita e indexada pelos processos de organização do conhecimento do sistema, contudo, como essa representação é realizada sem especificidade e padronização, evidenciam-se os impactos que a falta de diretrizes e utilização de instrumentos causam na representação do conhecimento e na recuperação da informação.

Palavras-chave: Representação de fotografias em arquivos; Rio de Janeiro (RJ); Correio da Manhã (Jornal).

Abstract: This study addresses the urbanization of Rio de Janeiro from 1960 to 1975, when the city was politically configured as a city-state, the State of Guanabara, through photographs produced by the Rio de Janeiro newspaper Correio da Manhã, published between 1901 and 1974. The aim is to evaluate the social representation and knowledge of the urbanization of Rio de Janeiro between 1960 and 1975, through photojournalism and the description and representation tools of the National Archive Information System (SIAN). Methodological procedures include bibliographic, documentary, and field research. The result suggests that Correio da Manhã's photojournalism records urban intervention processes in the city, and regarding the organization of knowledge, the National Archive

represents the urbanization of the city in general terms. It is noted that when indexing is assigned to the general subject of the photo, and not its specificity, it causes problems such as the use of ambiguous terms. It is concluded that urbanization is a category represented in the photographs of Correio da Manhã and is described and indexed by the system's knowledge organization processes. However, since this representation is carried out without specificity and standardization, the impacts of the lack of guidelines and the use of instruments on knowledge representation and information retrieval are evident.

Keywords: Representation of photographs in archives; Rio de Janeiro (RJ); Correio da Manhã (Newspaper)

1 INTRODUÇÃO

Durante 15 anos, entre 1960-1975, após a transferência da capital do Brasil para o planalto central, o Rio de Janeiro assumiu a configuração política de uma cidade-estado. Em 21 de abril de 1960, após 200 anos de capitalidade, ressurgia como Estado da Guanabara.

Capital cosmopolita, a cidade de São Sebastião foi construída e pensada para ser o símbolo e o cartão postal do Brasil, com a função de representar a síntese de uma nação (Ferreira, 2006). Evidenciando a sua vocação, mesmo sem ocupar o posto central do país, o Rio continuou exercendo posições de destaque, a cidade foi reconhecida, em 2012, pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), como patrimônio natural da humanidade (Farias, 2017), e foi eleita, em 2019, como a primeira Capital Mundial da Arquitetura, também pela UNESCO. Palco de grandes eventos, foi sede da abertura e do encerramento da Copa do Mundo de Futebol de 2014 e dos Jogos Olímpicos de 2016.

Em sua história documentada, o Rio de Janeiro foi capturado e representado a partir de distintas óticas e perspectivas, pelas lentes de diversos fotógrafos, desde os anônimos aos renomados, como Marc Ferrez, J. Gutierrez (de Padilla) e Augusto Malta. Dos amadores aos acervos oficiais, as fotografias desempenharam um papel fundamental, registrando e representando o Rio das décadas de 1960 e 1970, em vastas coleções de documentos, preservadas em instituições, entre elas, o acervo de fotografias do jornal Correio da Manhã, custodiado pelo Arquivo Nacional (AN).

O Correio da Manhã foi um influente jornal carioca, produzido entre 1901 e 1974, fundado por Edmundo Bittencourt. Entre 1929 e 1963, Paulo Bittencourt, filho de Edmundo, assumiu a direção do jornal. Após seu falecimento, sua esposa, Niomar Moniz Sodré

Bittencourt dirigiu o periódico (Leal, [200-]). De acordo com Amoroso (2011, p. 45), o Correio da Manhã se propôs a ser um jornal “isento de compromissos partidários, mas com o intento de ser um jornal de opinião”, e que desde a sua fundação, até o encerramento de suas atividades “geralmente assumiu posições oposicionistas”. A partir da década de 1960, influenciado pelas reformas editoriais do Jornal do Brasil e da Última Hora, o Correio da Manhã investiu fortemente no fotojornalismo, uma linguagem fotográfica que, de acordo com Mauad, Louzada e Souza Júnior (2021), surgiu como

Uma nova linguagem imbuída de um caráter fundamentalmente didático e de um controle estreito da correlação texto/imagem por parte da equipe editorial. O fato é literalmente construído, seguindo esta nova tendência, as fotografias deixaram de ser simplesmente dispostas nas páginas das revistas, para serem, com diferentes tamanhos e formas, deliberadamente arranjadas rompendo com o esquema ilustrativo tradicional. (Mauad; Louzada; Souza Júnior, 2021, p. 233).

Deste modo, observando as imagens como instrumentos de representação e objeto político, com foco no estudo das gestões dos governadores, o objetivo deste trabalho é avaliar a representação social (Hall, 2016) e do conhecimento, sobre a urbanização da cidade do Rio de Janeiro, entre os anos de 1960-1975, período em que a cidade e o Brasil passaram por intensas modificações em sua estrutura sociopolítica, a partir da análise de fotografias produzidas pelo jornal Correio da Manhã, depositados no Arquivo Nacional. A pesquisa é norteada pela questão: como a urbanização do Estado da Guanabara está representada nas fotografias do Correio da Manhã e nos processos de descrição e indexação arquivística?

Shera (1977) destaca que os indivíduos compreenderam que era possível se comunicar por meio de alguma forma de registro gráfico, possibilitando “transcender espaço e tempo tornando-o independente da memória humana e do contato físico”, e “tornou-se possível representar sons, assim como conceitos, de forma que o homem pudesse não somente compreender o que havia sido dito por alguém que ele nunca vira, mas que também pudesse reproduzir os sons que este homem nunca visto, emitiu quando o disse” (Shera, 1977, p. 10). Neste sentido, os sujeitos perceberam, nos registros gráficos, entre eles as fotografias, a construção de representações simbólicas, que lhes permitiram atravessar espaços e tempos.

O referencial teórico foi constituído a partir da consulta artigos, dissertações e teses nas áreas da Ciência da Informação (CI), da Arquivologia e da História, para o qual selecionou-se os trabalhos de Hjørland (2018), Cordeiro (2018), Shera (1977), Arquivo Nacional (2005), Motta (1999, 2000a, 2000b, 2000c), Amoroso (2011), entre outros.

A seguir, apresenta-se o contexto da Guanabara e do Correio da Manhã, entre os anos de 1960-1975, com destaque para a urbanização da cidade.

2 A URBANIZAÇÃO CARIOCA (1960-1975) NAS LENTES DO CORREIO DA MANHÃ

Ao longo da sua trajetória, o Rio de Janeiro passou por distintas configurações políticas e sociais. A cidade, que foi sede da Colônia, capital do Império e da República, entre os anos de 1960-1975, configurou-se politicamente como uma cidade-estado, o Estado da Guanabara, uma experiência única no Brasil. A partir de 1975, retomou a sua condição de município, como capital do novo Estado do Rio de Janeiro, permanecendo assim até os dias atuais.

As décadas de 1960 e 1970 se destacam na história da cidade, sobretudo em seu contexto sociopolítico. Em abril de 1960, durante o governo de Juscelino Kubitschek (1956-1961), a capital do Brasil foi transferida para Brasília, e o Rio de Janeiro perdeu aquela que foi a sua principal função nos últimos 200 anos, a sua vocação construída, de ser o retrato, o centro e a capital do país. Como Guanabara (1960-1975), a cidade-estado foi administrada por quatro governadores, considerando o governo provisório de José Sette Câmara Filho (1960), posteriormente, o primeiro representante eleito pelos cariocas foi Carlos Frederico Werneck de Lacerda (1914-1977), escolhido nas eleições gerais de outubro de 1960. Lacerda, o político e jornalista, encarava a política “como um campo de batalha” (Motta, 2000b, p. 2), e travou batalhas públicas contra os presidentes Getúlio Vargas (1882-1954), Juscelino Kubitschek (1902-1977) e João Goulart (1919-1976). Em sua gestão guanabarina, as favelas cariocas foram os alvos a serem eliminados da paisagem urbana, o governador passou a ser reconhecido por seus discursos agressivos e visava construir na Guanabara a figura de um estado-capital, fortalecendo o sentimento de capitalidade da cidade.

Procurando expressar na face da cidade as suas concepções ideológicas do estado-capital, em 1964, Carlos Lacerda contratou o urbanista grego Constantino Doxiadis, para elaborar um novo plano diretor para o Rio de Janeiro. O plano Doxiadis, como ficou conhecido, tinha uma diferente proposta para o Rio, com um projeto que se estendia até os anos 2000, (Knauss; Motta; Mauad, 2015). Oakim (2022) relaciona o plano Doxiadis com capitalidade carioca, que Lacerda desejava para a cidade, e destaca

Doxiadis representava a superação do paradigma urbano que fundamentou a grande realização de Juscelino Kubitschek: Brasília. Ademais, Doxiadis preparava um plano que garantiria à belacap mais do que a reconquista de uma capitalidade em relação à federação, asseguraria a capitalidade em

relação à cidade do futuro, enquanto capital da Ecumenópolis da América Latina. (Oakim, 2022, p. 13)

Por ter sido elaborado ao final do governo e estar muito ligado a Lacerda, o plano Doxiadis não foi implementado, porém nunca foi completamente abandonado. Exemplo disso é que, “em 1971, o Departamento de Estradas de Rodagem (DER) apresenta o famoso Plano das linhas policrômicas” (Rodrigues; Oakim, 2015, p. 47) que deu origem às vias expressas Linha Vermelha, Amarela e Verde, construídas posteriormente, em outros governos. Perez (2006), aponta que “O urbanismo do governo Lacerda é o projeto de afirmação da Belacap no cenário nacional. É também uma aposta de que o Rio de Janeiro continuaria sendo a capital de fato” (Perez, 2006, p. 196).

Figura 1 – Aterro do Flamengo



Fonte: Correio da Manhã | AN (1963).

Figura 2 – Aterro do Flamengo



Fonte: Correio da Manhã | AN (1963).

As intervenções urbanas na Guanabara e as políticas habitacionais – de remoções - são proeminências da administração Lacerda, que caracterizam a década de 1960, o imaginário e a identidade da cidade e seus habitantes, em tempos de reconfiguração e construção do novo Estado. Resumidamente, administração Lacerda foi responsável pela construção de dezenas de escolas, cerca de 19 viadutos, as obras dos túneis André Rebouças e Santa Bárbara, a expansão do elevador da Perimetral e a Avenida Brasil, com destaque para a construção da adutora de água do Guandu e o Parque do Flamengo (Motta, 2000b; Perez, 2006).

Em 1964, as estruturas políticas seriam novamente modificadas, com a interrupção do processo democrático brasileiro e a instauração da ditadura civil-militar (1964-1985), que perdurou por 21 anos. Entre 31 de março e 01 de abril de 1964, os militares cercaram as ruas da cidade de São Sebastião e no Palácio da Guanabara, Lacerda e uma multidão apoiaram o golpe. O ano de 1964 marcaria não só o início da ditadura civil-militar no país, mas também uma importante mudança na política editorial do Correio da Manhã. De acordo com Amoroso

(2011), após a chegada de Niomar Moniz, e uma nova “contrarreforma” no editorial do jornal, a partir de 1964

o profissional da fotografia passou a ter maior valorização dentro do jornal, sendo que anteriormente era visto como mero apêndice do jornalista, assim como a fotografia mero apêndice da reportagem. No Correio da Manhã, os fotógrafos passaram a ter maior liberdade para tirar fotografias mais elaboradas (Amoroso, 2011, p. 46).

Amoroso (2011, p. 46) destaca ainda que, inicialmente “o Correio da Manhã, em atitude contraditória a sua tradição liberal e legalista, apoiou a deposição de João Goulart, mas logo passou a demonstrar insatisfação com os rumos do governo militar e a fazer oposição ao regime”. Do mesmo modo, a relação de apoio entre Lacerda e a ditadura durou pouco, entre outras razões porque o Governo Castelo Branco (1964-1965) suspendeu as eleições presidenciais de 1965. Acuada, Lacerda rompeu com os militares e não conseguiu emplacar seu candidato, Flexa Ribeiro, para o governo da Guanabara.

Nesse contexto, o moderado Francisco Negrão de Lima (1901-1981) assumiu a gestão da Guanabara, onde permaneceu até março de 1971. A administração de Negrão de Lima, entre 1965 e 1971 foi caracterizada pelo endurecimento da ditadura, marcadamente a partir de 1968, quando, após intensas manifestações políticas tomarem as ruas, o governo federal decretou o Ato Institucional nº 5 e interveio diretamente na segurança pública do Rio de Janeiro (Knauss; Mauad; Motta, 2015). Para Knauss, Mauad e Motta (2015), os dois anos finais da década de 1960 evidenciaram o esvaziamento da capitalidade da Guanabara. Em 1969, durante a presidência do ditador Emílio Garrastazu Médici (1905-1985), “os principais órgãos decisórios, ainda sediados na Guanabara, foram transferidos para Brasília, que passou a exibir alguns marcos representativos do poder central” (Knauss; Mauad; Motta, 2015, p. 50), entre eles, o Forte Apache¹. Oliveira (1998), realça que

Ao iniciar-se o ano de 1968, a equipe fotográfica do Correio da Manhã estava no auge de seu desempenho profissional e perfeitamente articulada com os demais setores do jornal. [...]. Mas não só apenas de imagens que registravam protestos estudantis e denunciavam o arbítrio do regime estruturou-se o discurso oposicionista do fotojornalismo do Correio da Manhã. Nas fotografias publicadas, havia ironia e sarcasmo, nem sempre sutis, nas quais se destilava uma crítica mordaz ao governo militar. (Oliveira, 1998, p. 120).

¹ Quartel General do Exército em Brasília.

XXIV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – XXIV ENANCIB
Vitória-ES – 04 a 08 de novembro de 2024

Nas fotografias do jornal, registrava-se a política, as mudanças da urbe e os ambientes que representavam e simbolizavam os projetos de estado, de cada uma das gestões e o fazer político de cada governador. Em 1970, Antônio de Pádua Chagas Freitas (1914-1991) foi eleito governador pela Assembleia Legislativa do Estado da Guanabara (ALEG) e tornou-se o último governador do Estado. Chagas foi o único governador, entre os anos de 1971-1975, filiado ao partido de oposição ao governo, o Movimento Democrático Brasil (MDB)². Chagas Freitas esvaziou a ideia do estado-capital e buscou a estadualização da Guanabara. Era um sujeito pouco à vontade nos palanques e adepto das conversas de pé de ouvido (Motta, 2000c), investiu na política de corte local e clientelista (Trindade, 2000), aproveitando-se fortemente da máquina que construiu em seu partido, o MDB-GB, e fazendo um extenso uso dos jornais que possuía, O Dia e A Notícia, para negociar espaços de propaganda política (Trindade, 2000; Motta, 2000b).

Abreu (2022) sinaliza que, após o golpe de 1964 e a instauração de um novo regime autoritário no Brasil, a relação com a política, a cidade e os espaços se modificou. Nesse sentido, a Guanabara vivenciou novas mudanças no seu *lôcus* social e urbano, como a continuidade do programa habitacional, agora comandado majoritariamente pelos militares, e com a execução das grandes obras. Entre 1971-1975, destaca-se a expansão da cidade para a zona oeste, o início das obras do Metrô Rio, a construção do elevador Paulo de Frontin e da Ponte Presidente Costa e Silva, a Rio-Niterói.

Cabe destacar que, na administração de Negrão de Lima, em 1969, Lúcio Costa, o arquiteto de Brasília, foi convidado para elaborar o Plano Piloto para Barra da Tijuca e Baixada de Jacarepaguá. Rezende e Leitão (2003), afirmam que o plano tratava-se de “adiantar-se ao processo inevitável de ocupação da área com a definição de parâmetros construtivos” que “não permitissem a reprodução do que havia ocorrido com outros bairros da orla marítima como Copacabana, Ipanema e Leblon, que sofriam um processo intenso de construção e adensamento”. Motta (2000c, p. 10) observa que um dos objetivos do executivo estadual, para a efetiva estadualização da Guanabara, era a “ocupação racional do território, que significava, sobretudo, a expansão da Guanabara para a Zona Oeste, em termos tanto de

² Em 27 de outubro de 1965, foi instituído o Ato Institucional nº 2 – AI2, onde foi estabelecido, entre outros, o fim do sistema pluripartidário no Brasil, assim, decretado o bipartidarismo, foram criados dois partidos, um de base governista, o Aliança Renovadora Nacional (ARENA) e o Movimento Democrático Brasileiro - MDB, o partido de oposição, nos quais, os partidos existentes precisavam se reorganizar e reagrupar (Motta, 2000a, p. 103).

ocupação residencial e comercial – através do Plano Lúcio Costa para a Barra da Tijuca”, e a “alocação de zonas industriais em Jacarepaguá e Santa Cruz. A percepção era de que havia uma ‘hipertrofia do crescimento da cidade’ em detrimento das ‘grandes áreas do oeste’”.

Agueda (2023), aponta que

Em 1971, dois importantes túneis foram inaugurados no Rio de Janeiro: o túnel Dois Irmãos (atualmente túnel Zuzu Angel), que ligava a Gávea ao bairro de São Conrado; e o túnel do Joá que, junto aos 3 quilômetros do elevado homônimo, ligava São Conrado à Barra da Tijuca. Com isso – passando também pelo túnel Sá Freire Alvim, de 1960, que ligava Copacabana a Ipanema –, **o estado da Guanabara direcionava o principal caminho de sua expansão, de Copacabana percorrendo a orla marítima em direção ao Oeste**. Por meio das montanhas que atravessam o Rio de Janeiro, construíram-se caminhos para integrar novas áreas à malha urbana da cidade, possibilitando expansões – do mercado imobiliário, das camadas médias e altas, da construção civil, assim como de estilos de vida e promessas de futuro. (Agueda, 2023, p. 188, grifo nosso).

Desta maneira, a cidade conquistava o oeste carioca, expandindo-se para a “nova zona sul”, em contraponto à já saturada e verticalizada Copacabana. O crescimento do Rio em direção à Barra da Tijuca e adjacências previa o desenho de uma região ordenada, preconizado pelo arquiteto Lúcio Costa, projeto que se modificou ao longo das décadas (Rezende; Leitão, 2003).

Figura 3 – Barra da Tijuca, 1972



Fonte: Correio da Manhã | AN (1972).

Figura 4 – Elevado do Joá



Fonte: Correio da Manhã | AN (197-).

Em 1971, foram iniciadas as obras do Metrô Rio, que seriam inauguradas nove anos depois, em 1979. As obras do metrô culminaram em novas alterações no trânsito da cidade, além das demolições, sendo a mais emblemática delas a do Palácio Monroe, autorizada em 1975, pelo Presidente Ernesto Geisel, e concretizada em 1976, sob o falso pretexto das obras (Ferreira, 2006). As obras e seus impactos movimentaram a imprensa carioca ao longo dos anos.

No que tange as políticas habitacionais, segundo Valladares (1978), entre 1971, até abril de 1974, foram atingidas 20 favelas e um total de 26.665 habitantes foram removidos. Concomitante às remoções, os conjuntos habitacionais continuavam ser construídos, entre 1971 e 1975, foram entregues 13 conjuntos, distribuídos pelos bairros de Guadalupe, Engenho da Rainha, Senador Camará, Bonsucesso, Padre Miguel, Santa Cruz, entre outros. A autora destaca que a estrutura dos conjuntos também se alterou, inicialmente, as vilas populares construídas na gestão de Lacerda eram compostas majoritariamente por casas, entretanto, a partir de 1969, os conjuntos passaram a se constituir por blocos de apartamentos (Valladares, 1978).

Oakim, Pedretti e Pestana (2021) apontam que o programa habitacional na Guanabara foi segregacionista, em uma evidente tentativa de separar o solo urbano da cidade por classes sociais, buscando retirar as favelas da paisagem das Zonas Sul, Central e Norte, bem como instalar os conjuntos habitacionais próximos a áreas industriais, objetivando que a mão-de-obra estivesse disponível, ou ainda, como no caso da Cidade de Deus, que estivessem acessíveis para as necessidades domésticas das classes altas e médias que em breve estariam ocupando a orla e os condomínios da Barra da Tijuca.

Na redação do Correio da Manhã, o ano de 1969 representou o começo do fim. Sob o signo da censura prévia, a prisão de Niomar Moniz e de outros diretores do jornal pela ditadura provocou uma grave crise financeira. O Correio da Manhã foi arrendado e uma mudança editorial aconteceu, desde então “passou a prestar apoio incondicional ao regime militar, posição que se manteve até a falência do jornal, em 1974” (Oliveira, 1998, p. 131).

Em 1974, o executivo federal, com a presença de Chagas Freitas, inaugurou a Ponte Presidente Costa e Silva, e em 1975, a Guanabara se fundiu ao antigo estado do Rio de Janeiro, retornando à condição de cidade e capital, do Rio de Janeiro.

3 METODOLOGIA DE PESQUISA

Esta é uma pesquisa exploratória e descritiva. Em relação à abordagem e coleta de dados é qualitativa. Utilizou-se como procedimentos metodológicos as pesquisas bibliográfica, documental e de campo.

A pesquisa bibliográfica foi realizada a partir da consulta às bases de dados e periódicos, como o Portal de Periódicos da Capes, Base de dados Referencial de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação (BRAPCI), na *Scientific Electronic Library Online* (SCIELO),

na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) e os anais de congressos no campo da CI e da história, sem recorte temporal, buscou-se publicações (dissertações, teses e artigos) e consulta a livros, com objetivo de levantar e revisar a literatura da área.

A pesquisa documental e o campo empírico foram realizadas no Arquivo Nacional, a partir do Sistema de Informação do Arquivo Nacional (SIAN), consultando o acervo de fotografias do Correio da Manhã. A pesquisa no SIAN foi efetuada em busca livre, a partir das expressões “urbanização, obras públicas, Guandu, remoção, Barra da Tijuca, Baixada de Jacarepaguá”, foram obtidos 72 dossiês, compostos por 1528 de fotografias, dos quais 25 dossiês foram examinados, totalizando 35% de amostra.

A análise das fotografias efetivou-se com base no exame das temáticas recorrentes que emergiram da literatura de História sobre a representação da urbanização do Rio de Janeiro (1960-1975). Para Cordeiro (2018), essa dimensão de interpretação de um conjunto de imagens caracteriza a natureza do corpus de análise a ser representada na OC visual.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A Guanabara, ao longo dos seus 15 anos de existência, em função de diversos fatores – políticos, econômicos e sociais - passou por intensas modificações no seu *locus* urbano e na relação da sociedade com a cidade, com os espaços, com as favelas e, especialmente, com a zona oeste. Essas intervenções foram observadas nas imagens selecionadas. Nesta seção apresentamos os resultados em dois momentos, primeiramente a análise das fotografias em si e, em seguida, a análise da descrição e indexação do dossiê no sistema (SIAN).

As fotografias capturadas pelos fotógrafos do Correio da Manhã representam a cidade em planos abertos, a paisagem urbana, as obras em grande escala, as favelas removidas e os conjuntos habitacionais que emergiam pela urbe. Observa-se a abertura de avenidas, o Parque do Flamengo (figuras 1 e 2), a monumental Ponte Presidente Costa e Silva que atravessava as águas da Baía de Guanabara, e a abertura dos túneis Rebouças e Santa Bárbara, que modificaram as rodovias e o tráfego da cidade e ligavam as zonas sul, central e norte. Anos mais tarde, a afastada Barra da Tijuca se aproximava com a promessa de ser a nova área nobre da cidade (figuras 3 e 4).

Nas imagens da Guanabara de Carlos Lacerda, o estado-capital está representado nos espaços e na paisagem urbana, registrados na construção do Parque do Flamengo, do Parque Lage, nas fotos aéreas da Baía de Guanabara, na enseada de Botafogo, do Corcovado ao Pão

de Açúcar. Lacerda, no seu desejo de enaltecer a cidade maravilhosa como Belacap e de contrapor Brasília e o executivo Federal, buscou com suas obras, modificações e na elaboração de um novo plano urbanístico, a construção de uma cidade moderna, abandonando as características do Rio que nasceu no Morro e que se desenhava em uma esplanada (Motta, 2001). A Guanabara e a sua primeira gestão, junto as intervenções urbanas, são marcos do IV Centenário do Rio, e Motta (2001), afirma que

Se o Castelo representava a atualização do Passado do Rio, **o Aterro do Flamengo deveria simbolizar uma nova etapa na vida da cidade, a de estado da Guanabara.** Nesse sentido, o Aterro, como passou a ser chamado o conjunto de jardins e pistas do aterrado Calabouço-Glória-Flamengo e Praia de Botafogo, teria um triplo significado. Em primeiro lugar, deveria ser a nova face da Belacap, nosso “Central Park”, como a ele se referia a sua idealizadora, Lota de Macedo Soares, capaz de competir com o Pão de Açúcar como principal marca referencial da “cidade maravilhosa” [...], **o Aterro, deveria marcar, como efetivamente marcou, o primeiro governo da Guanabara. Sua inauguração foi tratada como o principal evento comemorativo do IV Centenário do Rio de Janeiro,** com o claro intuito de elevar o então governador carioca ao altar dos grandes homens que construíra o Rio quatrocentrão. (Motta, 2001, p. 244, grifo nosso).

Para Motta (2001), Lacerda desejava entrar para a história do Rio como um dos “administradores-engenheiros”, e garantir o seu lugar, ao lado dos prefeitos Pereira Passos (1902-1906), Paulo de Frontin (1919), Carlos Sampaio (1920-1922) e Henrique Dodsworth (1937-1945), indicados pelo engenheiro José de Oliveira Reis como as administrações “que mais fizeram pela cidade” (Motta, 2001, p. 245). Assim, o governador delineava a cidade maravilhosa, na política e no urbanismo, no contraste entre a relação de admiração e a luta do Rio de Janeiro com a natureza, já que a cidade se aperta entre o mar e os morros, e tem na sua maior expressão de representação as paisagens naturais. Contudo, precisa batalhar contra ela para se expandir, essa luta se reflete nos aterros, na abertura de túneis em maciços, nos morros demolidos, como Castelo, Senado e Santo Antônio, que se despediram do centro da cidade ao longo do século XX, e nos despejos, dos cortiços às favelas, que deram lugar às avenidas e aos novos condomínios e parques.

Cinco anos separam o fim da gestão da cidade-estado de Lacerda do início do governo Chagas Freitas, mas o Brasil era outro, assim como o Rio de Janeiro. Nas fotografias, as obras e as remoções continuam, perpassam o governo Negrão de Lima, mas observa-se nas imagens uma cidade profundamente relacionada aos militares, que se fazem presentes, em um Rio que

XXIV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – XXIV ENANCIB
Vitória-ES – 04 a 08 de novembro de 2024

abandona o projeto capital, e se rende ao status de estado. As grandes obras, como as do metrô, da futura prefeitura da cidade, na Cidade Nova e da ampliação das adutoras, são uma constante no processo de urbanização guanabarino, que se integra aos novos prédios, como a Edifício Sede da Petrobras, o EDISE, que se destacam na Av. Chile, avistando também as obras da nova Catedral Metropolitana do Rio de Janeiro, iniciadas em 1964 e oficialmente inaugurada em 1979, como símbolo de uma igreja e de uma cidade do futuro.

As fotografias do Correio da Manhã capturam a integralização da zona oeste, como um novo espaço, um novo Rio. O Rio que começa com Negrão de Lima e encontra os caminhos na gestão de Chagas Freitas, o Rio dos conjuntos habitacionais, da expansão para o oeste, da construção do elevador Paulo de Frontin (Viaduto Engenheiro Freyssinet), do interceptor oceânico da Zona Sul. Proprietários de concepções distintas para a urbanização e conceito da Guanabara, Chagas, Negrão e Lacerda, compartilhavam, na formação da imagem de cartão postal, um traço em comum: que as favelas não podiam ser parte, e suas gestões, são marcadamente notadas por essa intervenção na cenário carioca. Modifica-se a paisagem, demolindo e removendo lugares para a construção de novos espaços.

Está representado nas fotografias do Correio da Manhã, o Rio das obras, o Rio Guanabara, que precisou se modificar diante da nova identidade. O Rio de Lacerda, imponente, ainda com ares de capital e na comemoração de seus 400 anos. O Rio de Negrão de Lima, no novo contexto sociopolítico que se apresentava, uma cidade que continuava em obras, nas remoções e que iniciou o processo de aproximação com a Barra da Tijuca. E o Rio de Chagas Freitas, que seguia o fluxo que lhe foi determinado, o Rio observado pelos olhos da ditadura, que precisava ser parte do Brasil Grande, das obras faraônicas do Metrô Rio e da Ponte Rio-Niterói, da “cidade limpa” e da nova zona sul conquistada via oeste. Desta forma, constata-se que as temáticas que emergiram da historiografia sobre o Rio de Janeiro se fizeram presentes nos registros fotográficos do Correio da Manhã.

O acervo fotográfico do Correio da Manhã é composto por cerca de 476.000 negativos fotográficos e 1.014.120 fotografias (SIAN, Arquivo Nacional), entre outros gêneros e espécies de documentos. Suas datas limites são entre os anos 1901-1974, e seu acervo foi doado ao AN, em 1982, por Fernando Gasparian, que o adquiriu, através de leilão em 1975, após o encerramento das atividades do jornal (SIAN, Arquivo Nacional). O fundo está organizado em ordem alfabética, assunto e procedência. O Arquivo Nacional não possui instrumentos como vocabulários controlados ou tesouros disponíveis para consulta, assim, a nomeação dos

assuntos é feita a partir da linguagem natural (indexação livre) e as buscas são realizadas em linguagem livre. Os documentos estão descritos e indexados no formato multinível, com base na Norma Geral Internacional de Descrição Arquivística - ISAD-G, e a Norma Brasileira de Descrição Arquivística (NOBRADE, 2006). As descrições foram realizadas no nível 4, de dossiê. Para a análise da representação do conhecimento, foram examinadas no SIAN os representantes digitais das fotografias, e as áreas de título, âmbito e conteúdo e termos de indexação³.

Figuras 5, 6 e 7 – Sistema de Informação do Arquivo Nacional

1.1 - Código de Referência: BR RJANRIO
PH.0.FOT.385

1.2 - Título
1.2.1 Indicação do título
Túneis - Guanabara (Rebouças) (obras de construção)
1.2.2 - Indicação de Responsabilidade

3 - ÁREA DE CONTEÚDO E ESTRUTURA

3.1 - Âmbito e conteúdo
3.1.1 - Especificação do conteúdo
Obras de construção do túnel Rebouças.
3.1.1.1 - Especificação de anexos

7 - ÁREA DE CONTROLE

7.1 - Nota do Arquivista
7.1.1 Termos de indexação:
Túnel André Rebouças (Rio de Janeiro, RJ)
Túnel Antônio Rebouças (Rio de Janeiro, RJ)

Termo
Túnel Rebouças (Rio de Janeiro, RJ)

Fonte: Arquivo Nacional (2024).

Como observamos, a urbanização é uma categoria social de destaque na historiografia sobre o Rio de Janeiro das décadas de 1960 e 1970, nesta categoria estão inclusos os processos de requalificação e intervenção urbana, modificações e expansão do tecido urbano, direito à cidade, as remoções das favelas, e obras públicas. Iniciamos a análise no sistema buscando por “obras da cidade”, e assim, observa-se que a palavra-chave “obras e construção” é usualmente utilizada nas áreas de título e âmbito e conteúdo, por exemplo: obras na cidade; obras de construção; construção de rodovias; construção do Aterro do Flamengo, obras de construção da ponte Rio-Niterói (ponte Presidente Costa e Silva), entre outros. Nos termos de indexação, destaca-se o uso dos seguintes termos: Obras públicas; Água - perfuração de poços; e saneamento urbano, demonstrando ser um registro constante nas imagens – foram recuperados 22 dossiês - e um assunto central representado pelo AN.

³ Na NOBRADE a área 8 é dedicada a indexação, entretanto, no SIAN, o AN utiliza a área 7 (Área de controle), especificamente o campo 7.1.1 – Termos de indexação, para indexar os dossiês. Contudo, salienta-se que os termos de indexação atribuídos no sistema são, na realidade, palavras-chave (linguagem livre sem controle terminológico).

Cabe realçar que, ao realizar a busca no SIAN pela expressão “urbanização”, foram obtidos 18 resultados, dos quais 9 (50%) referem-se as favelas da Guanabara. Consta um dossiê⁴ – composto de 235 fotografias – sobre “urbanismo”, que está indexado com os termos: comércio; obras públicas; ruas; urbanismo; urbanização; viadutos. As fotografias retratam obras públicas, planos, mapas, entre outros. Destaca-se a existência de um dossiê⁵ sobre o arquiteto Lúcio Costa, que está relacionado ao plano de urbanização da Barra da Tijuca. Esses resultados evidenciam que na representação do conhecimento do AN, a urbanização carioca dos anos 60 e 70, está desenhada nas relações da cidade com as favelas, e como, naquele contexto, as remoções configuravam-se como sinônimo de uma cidade urbanizada.

Nas fotografias sobre as remoções, ressaltamos a presença dos termos “remoção”, “demolição”, ou “desapropriação” no campo de âmbito e conteúdo. Já nos termos de indexação, destaca-se o uso de “Favelas – remoção”. As remoções foram amplamente noticiadas pelo jornal, são 26 dossiês, compostos por 727 imagens.

Deste modo, como resultado, observa-se que o fotojornalismo do Correio da Manhã representa processos de intervenções urbanas na cidade, a fotografia se sobressai no jornal, ocupa páginas, faz denúncias e destaca as mudanças e projetos políticos. No que se refere à OC, o AN representa a urbanização da cidade no âmbito geral, todavia, quando a indexação é executada pelo assunto geral e não na sua especificidade, causa problemas, como, por exemplo, de ambiguidade, como observado no dossiê da Ponte Presidente Costa e Silva, que está descrita e indexada de duas formas: Ponte Rio-Niterói e Ponte Presidente Costa e Silva, fazendo com que o usuário desperdice tempo significativo buscando uma imagem adequada a sua pesquisa, sendo necessário a consulta a inúmeros documentos que não são úteis. Representações falhas e com desvios (Guimarães; Pinho, 2007) produzem danos aos usuários e não representam adequadamente sujeitos, tempos e espaços. Assim, verifica-se que é uma indexação orientada pelo conteúdo na concepção de Boccato e Fujita (2011).

^{4, 5} Cf. ARQUIVO NACIONAL. SIAN. Disponível em: <https://sian.an.gov.br/>

5 CONCLUSÃO

O fotojornalismo do Correio da Manhã representa socialmente a Guanabara, nas suas mais variadas nuances, especialmente no que se refere aos processos de intervenções e requalificações urbanas. As fotografias capturam uma cidade que se expandiu, vertical e horizontalmente, as novas avenidas que rasgaram a urbe, nas pontes e elevados, da zona norte a zona sul e até no interior do solo urbano, a partir das obras do metrô.

Sobre a representação do conhecimento, conclui-se que a urbanização é uma categoria que está descrita e indexada pelos processos de OC do Arquivo Nacional, contudo, essa representação é realizada sem especificidade e padronização, evidenciando os impactos que a falta de diretrizes e utilização de instrumentos causam nos produtos da OC, na representação da cidade e seus sujeitos e, conseqüentemente, na recuperação da informação.

Neste sentido, consideramos que o objetivo foi alcançado e questão da pesquisa respondida, quando, a partir da metodologia aplicada, fomos capazes de observar as representações da urbanização carioca nas décadas de 1960 e 1970 no fotojornalismo do Correio da Manhã e na representação do conhecimento executada pelo AN.

REFERÊNCIAS

AMOROSO, M. **Nunca é tarde para ser feliz?** A imagem das favelas pelas lentes do Correio da Manhã. Curitiba: Editora CRV, 2011.

ABREU, M. A. **Evolução urbana do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: IPP, 2022.

AGUEDA, R. Além do Joá: infraestruturas e expansão urbana em direção à Barra da Tijuca. **Cadernos Metrópole**, São Paulo, v. 25, n. 56, p. 185-204, jan./abr. 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/jj/cm/a/K5JrRkGT6kzxsW95wDRC4KG/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 29 jan. 2025.

ARQUIVO NACIONAL (Brasil). **Sistema de Informações do Arquivo Nacional**. [S. l., 2005]. Disponível em: <https://sian.an.gov.br/sianex/Consulta/login.asp>. Acesso em: 10 jul. 2023.

ARQUIVO NACIONAL (Brasil). **Sistema de Informações do Arquivo Nacional**. [S. l., 2024]. Disponível em: <https://sian.an.gov.br/sianex/Consulta/login.asp>. Acesso em: 10 jul. 2023.

BOCCATO, V. R. C. FUJITA, M. S. L. A indexação nas perspectivas das concepções de análise de assunto em bibliotecas universitárias. **Revista EDICIC**, San José, v. 1, n. 4, p. 208–220, oct./dic. 2011. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/server/api/core/bitstreams/14ba327d-9ee1-4a5c-962d-7bca33be35da/content>. Acesso em: 29 jan. 2025.

XXIV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – XXIV ENANCIB
Vitória-ES – 04 a 08 de novembro de 2024

BRASIL. Conselho Nacional de Arquivos (Conarq). **NOBRADE**: Norma brasileira de descrição arquivística. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2006.

CORDEIRO, R. I. N. O delineamento de uma pesquisa em imagens e audiovisuais na Ciência da Informação: o “tagueamento” como quarta dimensão. **Informação & Informação**, Londrina, v. 23, n. 1, p. 6-30, jan./abr. 2018. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/32581>. Acesso em: 29 jan. 2025.

FARIAS, E. Cidade Maravilhosa, Rio Babilônia, Rio 40 Graus: três signos na economia simbólica da paisagem carioca. **Revista de Ciências Sociais**, Fortaleza, v. 48, n. 1, p. 155-207, jan./jul. 2017. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/revcienso/article/view/18885>. Acesso em: 29 jan. 2025.

FERREIRA, M. A fusão do Rio de Janeiro, a ditadura militar e a transição política. In: Abreu, A. A. (org.). **A democratização no Brasil**: atores e contextos. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2006.

GUIMARÃES, J. A. C.; PINHO, F. A. Desafios da representação do conhecimento: abordagem ética. **Informação & Informação**, Londrina, v. 12, n. 1, p. 19-39, 2007. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/1753>. Acesso em: 29 jan. 2025.

HALL, S. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Ed. PUC; Apicuri, 2016.

HJØRLAND, B. Indexing. Knowledge Organization, [S. l.], v. 45, n. 7, p. 609-639, 2018. Disponível em: <https://www.isko.org/cyclo/indexing#2.1>. Acesso em: 15 ago. 2021.

MAUAD, A. M.; LOUZADA, S.; SOUZA JÚNIOR, L. G. Das revistas ilustradas ao fotojornalismo independente: itinerários da prática fotográfica no Brasil do século XX. **Fotocinema**, Málaga, n. 22, p. 221–254, 2021. Disponível em: <https://revistas.uma.es/index.php/fotocinema/article/view/11713>. Acesso em: 29 jan. 2025.

KNAUSS, Paulo; MAUAD, Ana M.; MOTTA, Marly (org.). **Nos tempos da Guanabara**: uma história visual (1960- 1975). Rio de Janeiro: Bazar do Tempo e Edições de Janeiro, 2015.

LEAL, Carlos Eduardo. Correio da Manhã: verbete. Rio de Janeiro: **FGV CPDOC**, [200-]. Disponível em: <https://www18.fgv.br/CPDOC/acervo/dicionarios/verbete-tematico/correio-da-manha>. Acesso em: 16 abril 2024.

MOTTA, M. S. Frente e verso da política carioca: o Lacerdismo e o Chaguismo. **Revista Estudos Históricos**: cultura política, Rio de Janeiro, v.13, n. 24, 1999.

MOTTA, M. S. **Saudades da Guanabara**: o campo político da cidade do Rio de Janeiro (1960-75). Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2000a.

MOTTA, M. S. **O Rio de Janeiro continua sendo?** Rio de Janeiro: FGV, CPDOC, 2000b.

MOTTA, M. S. Mania de Estado: o chaguismo e a estadualização da Guanabara. **História Oral**, São Paulo, n. 3, p. 91-108, jun. 2000c. Disponível em: <https://revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/article/view/24>. Acesso em: 29 jan. 2025.

MOTTA, M. S. **Rio de Janeiro**: de cidade-capital a estado da Guanabara. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2001.

OAKIM, J. O plano Doxiadis e a capitalidade da Guanabara. **Acervo**, Rio de Janeiro, v. 36, n. 1, p. 1–19, 2022. Disponível em: <https://revista.an.gov.br/index.php/revistacervo/article/view/1881>. Acesso em: 29 jan. 2025.

**XXIV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – XXIV ENANCIB
Vitória-ES – 04 a 08 de novembro de 2024**

OAKIM, J.; PEDRETTI, L.; PESTANA, M.M. As favelas do Rio de Janeiro e a ditadura militar: remoções forçadas, repressão ao associativismo e o controle social. *In*: GONÇALVES, R. S.; BRUM, M.; AMOROSO, M. (org.). **Pensando as favelas do Rio de Janeiro: história e questões urbanas**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; Pallas, 2021.

OLIVEIRA, G. V. V. Fotojornalismo subversivo: 1968 revisto pelas lentes do correio da manhã. **Acervo**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1-2, 1998. Disponível em: <https://revista.arquivonacional.gov.br/index.php/revistaacervo/%20article/view/286>. Acesso em: 29 jan. 2025.

PEREZ, M. D. **Lacerda na Guanabara: a reconstrução do Rio de Janeiro nos anos 1960**. Rio de Janeiro: Odisseia Editorial, 2006.

REZENDE, V; LEITÃO, G. Plano Piloto da Barra da Tijuca e Baixada de Jacarepaguá. Avaliação dos ideais modernistas após três décadas. Seminário DOCOMOMO Brasil, 5, 2003, São Carlos. **Anais...** São Carlos: DOCOMOMO, 2003.

RODRIGUES, A. E. M.; OAKIM, J. As reformas urbanas na cidade do Rio de Janeiro: uma história de contrastes. **Acervo**, Rio de Janeiro, v. 28, n. 1, p. 19–53, 2015.

SHERA, J. Epistemologia social, semântica geral e biblioteconomia. **Ciência da Informação**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, 9-12, 1977. Disponível em: <https://revista.ibict.br/ciinf/article/view/92>. Acesso em: 29 jan. 2025.

TRINDADE, A. A. **O estilo político da Bica D'Água: o chaguismo da Guanabara 1969-1974**. Rio de Janeiro: FGV; CPDOC, 2000.

VALLADARES, L. P. **Passa-se uma casa: análise do programa de remoção de favelas do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.